

■ ARTIGOS

■ A pandemia e a formação integral: perspectivas para a Educação

 Ana Maria Nogueira Oliveira *

Recebido em: 21 jul. 2020
Aprovado em: 23 ago. 2020

Resumo: O presente artigo apresenta algumas situações que foram explicitadas durante a pandemia e que têm relação com o processo educacional. Essas situações, algumas problemáticas, já existiam antes, porém não se dava a elas a relevância necessária, sempre foram negligenciadas, isto por diversas razões. Entretanto, com a pandemia, essas situações demandam soluções urgentes e necessárias para a continuidade do ensino. Além disso, apresenta, como exemplo para a análise da relação da educação com a realidade, o problema da disseminação de notícias falsas, o qual nos remete a dois problemas da educação: a dificuldade de interpretação e a não consciência do senso do dever. O texto explicita a necessidade de um novo foco para a educação: do conteúdo para a formação integral do educando. Para a discussão, o artigo considera os conceitos de leitura de mundo e imperativos hipotéticos e categóricos, de Freire (2005) e de Kant (2007), respectivamente.

Palavras-chave: Educação. Pandemia. Formação integral. Pensamento crítico e moral.

* Ana Maria Nogueira Oliveira é graduada em Pedagogia pela Fundação Presidente Antônio Carlos (1988), em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002) e mestre pela Universidade Federal de São João del-Rei (2017). Técnica em assuntos educacionais do Instituto Brasileiro de Museus. Contato: anamarianoliveira@gmail.com.

Introdução

A pandemia de Covid-19 apresentou, em todo o mundo, fatos surpreendentes que, devido ao seu caráter insólito, provocaram inquietação e receio na população mundial: aeroportos e rodoviárias completamente vazios; competições esportivas adiadas ou canceladas; a Cidade Luz na escuridão do confinamento; a cidade que nunca dorme, no aconchego do lar e as ruas de ambas totalmente vazias. Causou impacto a *live* do cantor Andrea Bocelli: enquanto se ouvia suas músicas, imagens das principais cidades do mundo eram mostradas, completamente vazias. A percepção era de que algo extraordinário e inédito acontecia. Algum explorador que, por ironia do destino, houvesse ficado preso em uma caverna e só saísse após a decretação do isolamento social, ficaria estupefato com as circunstâncias e situações do planeta.

Do confronto com a realidade, porém, podem-se inferir algumas certezas: o uso de tecnologia na educação que já estava presente, embora timidamente, principalmente quando se fala em escola pública, afirmou-se, e, para o futuro, haverá a necessidade de capacitação para os profissionais que deverão utilizar cada vez mais de novos recursos tecnológicos e metodologias, com atividades mais dinâmicas que deem autonomia ao aluno para pesquisas e estudos. Como dito, o uso da tecnologia em educação, assim como das redes sociais, é inevitável, porém é imprescindível que seu uso seja melhor discutido e explicitados seus benefícios e malefícios, procurando subtrair dela o melhor e tentando amenizar seus males.

Outro ponto importante a ser analisado é a disseminação de *fake news* (termo em inglês para notícias falsas) e, mais grave, a crença nelas, provocando prejuízos em determinados grupos. A constatação de que muitas pessoas foram enganadas pela disseminação de notícias falsas nos faz pensar nas políticas educacionais, assim como em seus objetivos e em suas estratégias.

A preparação da geração jovem para a vida em sociedade, meta da educação, pressupõe a formação de pessoas com pensamento crítico e envolvidas com a comunidade, colaborando para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Entretanto, o evento da disseminação das notícias falsas nos faz pensar na formação que o sistema de ensino oferece atualmente, especialmente para os níveis fundamental e médio, etapas obrigatórias e cursados pela maioria da população, já que o acesso ao ensino superior ainda é restrito. A situação pode ser analisada sob diversos prismas, entretanto, neste trabalho, ousa-se afirmar que a disseminação de notícias falsas e as repercussões que elas causaram podem guardar estreita relação com a formação educacional atual em que não se investe no

desenvolvimento do pensamento crítico, defendido por Paulo Freire, e no conhecimento ético-moral no qual a Filosofia tem-se ocupado desde seus primórdios. Aqui, destaca-se a proposta de Immanuel Kant, filósofo do século XVIII.

O filósofo nasceu em Königsberg, pequena cidade da Prússia, em 22 de abril de 1724, de família de operários de origem escocesa. Iniciou-se na carreira religiosa e, mais tarde, tornou-se professor na Universidade de sua cidade. Sem nunca ter saído de sua terra natal, é considerado um dos mais importantes pensadores da Filosofia Moderna. Para ele, as leis morais regem nosso mundo assim como as leis naturais regem o mundo dos sentidos. E são com suas ideias, apresentadas principalmente em *Fundamentos da Metafísica dos Costumes* (2007) e *Sobre a Pedagogia* (1999), que procuraremos discutir os dois aspectos mencionados acima sobre a atual situação educacional.

A intenção, neste artigo, é discutir a falta de uma formação integral que inclua o pensamento crítico e ético-moral percebidos a partir da constatação da falta de habilidade de interpretação de textos e da falta de sentimentos de empatia e responsabilidade social, no caso da disseminação de notícias falsas. Para isso, o artigo apoia-se no conceito de *leitura de mundo* de Freire (2005) e de *imperativos hipotéticos e categóricos* de Kant (2007). Paulo Freire, um dos maiores educadores brasileiros, nasceu em Pernambuco, esteve exilado no exterior, durante o regime da Ditadura Militar, onde realizou muitos trabalhos na área educacional. Ao voltar ao Brasil, exerceu também o cargo de Secretário de Educação da cidade de São Paulo, durante o governo de Luiza Erundina. No artigo, utiliza-se seu conceito de *leitura de mundo* que se encontra melhor discutido no livro *A importância do Ato de Ler* (2005).

Considero relevante esclarecer, ainda, que, além de ser educadora e trabalhar com educação em museus, sou mãe de um aluno de escola pública no Estado de Minas Gerais. Portanto, quando falo em escola pública, eu me baseio nas situações com as quais lido ou observo, embora compreenda que a realidade é diversa e peculiar em cada território desse imenso país.

A pandemia se apresenta como um dos maiores problemas que a humanidade enfrenta em tempos contemporâneos. Todavia, como em todo desafio, torna-se também uma oportunidade de crescimento. Como foi dito anteriormente, a urgência em se buscar soluções para as dificuldades surgidas em decorrência da doença, principalmente no campo educacional, revelou muitas de suas fraquezas, entre elas, o acesso a informações e a formação deficiente dos estudantes em sua análise crítica e moral.

Dessa forma, o objetivo do artigo é discutir a formação integral como proposta para a melhoria dos

problemas apresentados. Assim, em primeiro lugar, discutir-se-á o conceito de formação integral, sua relação com o conceito de educação integral, e, ainda, sua possível contribuição para a formação do pensamento crítico e ético-moral dos discentes.

Partindo-se brevemente do conceito de formação integral, será feita, em seguida, uma reflexão sobre a pandemia e sua reverberação no cotidiano e na educação, apoiando-se nas ideias de Freire (2005); após, será examinado o episódio das notícias falsas e o senso de dever em Kant (1999, 2007) e, por fim, as considerações finais.

A formação integral

Antes de se iniciar a apresentação dos recentes desafios educacionais brasileiros frente à pandemia que se abateu sobre o mundo em 2020, torna-se relevante esclarecer o conceito de formação integral, uma proposta que poderá contribuir para o enfrentamento das dificuldades explicitadas durante o evento.

O termo formação integral tem vínculos com o conceito de educação integral e pode ser considerado como resultado do uso de seus princípios em práticas educacionais. Quando se menciona educação integral, pode-se pensar na abordagem histórica, ou seja, na percepção do conceito ao longo do tempo; ou pode-se remeter às experiências pedagógicas que a tomaram como princípio. O conceito foi discutido desde antigas eras e Gadotti (2009) nos assevera que:

Aristóteles já falava em educação integral. Marx preferia chamá-la de educação "omnilateral". A educação integral, para Aristóteles, era a educação que desabrochava todas as potencialidades humanas. O ser humano é um ser de múltiplas dimensões que se desenvolvem ao longo de toda a vida. Educadores europeus como o suíço Édouard Claparède (1873-1940), mestre de Jean Piaget (1896-1980), e o francês Célestin Freinet (1896-1966) defendiam a necessidade de uma educação integral ao longo de toda a vida. No Brasil, destaca-se a visão integral da educação defendida pelo educador Paulo Freire (1921-1997), uma visão popular e transformadora, associada à escola cidadã e à cidade educadora (GADOTTI, 2009, p.21).

No Brasil não foi diferente, podem-se citar projetos e intelectuais que a admitiam como uma proposta que poderia ajudar a educação brasileira a atingir, realmente, seus objetivos, entre eles estão os escolanovistas. Em *O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, Azevedo (1932) defende uma educação integral. Segundo Gadotti (2009), para eles, o termo não significava apenas uma concepção, mas um direito de todos e dever do Estado.

A primeira experiência educacional integral foi a "Escola Parque" de Anísio Teixeira, uma proposta de escola onde os discentes teriam atividades não só intelectuais,

mas também práticas que envolviam as artes, o conhecimento industrial e técnico. Além de teatro, música, dança e ginástica. Algo semelhante aconteceu em a experiência de Darcy Ribeiro, no Rio de Janeiro, com o Centro Integrado de Educação Popular, os Cieps, que, além das atividades citadas na experiência anterior, possuía também gabinetes odontológicos, médicos, biblioteca e quadras de esportes. Houve, ainda, outras experiências, como em São Paulo, nos anos 80, que tinham características semelhantes.

Atualmente, ainda há algumas experiências educacionais que têm como princípio a educação integral. No entanto, são práticas pontuais e que não podem ser consideradas como política pública estabelecida. Todavia, o conceito ainda é muito discutido. A educação integral é entendida como aquela que promove o desenvolvimento do ser humano em todas as suas dimensões e não somente o intelectual. Para Gadotti (2009, p.98), a educação integral "não se trata apenas de estar na escola em horário integral, mas de ter a possibilidade de desenvolver todas as potencialidades humanas, que envolvem o corpo, a mente, a sociabilidade, a arte, a cultura, a dança, a música, o esporte, o lazer, etc."

Portanto, a formação baseada na educação integral pensa o educando como um ser holístico, e aposta no aprimoramento de suas habilidades sociais, intelectuais, culturais e éticas. Propicia, ainda, a ideia de que somos parte de um todo, e, como tal, devemos considerar a interligação entre os seres.

Ela valoriza o desenvolvimento do pensamento crítico e ético-moral. O uso da razão proporciona a superação do fenômeno infantil da ilusão e da fantasia e é responsável pela formação do discernimento. O pensamento deve ser usado de maneira correta e em concordância com a consciência. Pensar acertadamente é uma conquista em face da nossa inclinação e nossos desejos imediatos. Para adquiri-lo é necessário o exercício da mente, ampliando-lhe a capacidade de discernir, o que acaba por desenvolver o senso moral. Os valores passam a apoiar-se não mais nas conveniências próprias, mas nos códigos de ética universal.

Enaltece, ainda, a solidariedade antes da competitividade, pois acredita no respeito à igualdade e diversidade. Acreditando que a humanidade necessita de paradigmas novos para enfrentar tempos novos, enfatiza a solidariedade como um dos valores que poderão contribuir para resolver problemas históricos na sociedade e que precisam ser incentivados na escola.

Portanto, diante da atual situação educacional do país, há uma necessidade urgente para que a educação integral, que propicia a formação holística dos seres, seja pensada como uma proposta viável para futuras políticas públicas, pois poderá proporcionar o desenvolvimento social como resultado do aprimoramento

peçoal. Uma educação com os princípios da educação integral permite um conhecimento amplo do mundo e de si mesmo, e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento do pensamento crítico e ético-moral, propiciadores de uma vida mais equilibrada e consciente.

Em seguida, será apresentado um dos problemas surgidos na pandemia que evidencia a falta da formação integral no processo educacional.

A pandemia e sua reverberação no cotidiano e na educação

A nova situação explicitou aspectos no âmbito econômico-social e educacional, alguns positivos, outros negativos, os quais já estavam presentes em nosso cotidiano, porém não recebiam a atenção devida. O que a pandemia fez, então, foi torná-los mais visíveis para todos e colocá-los em evidência, demandando soluções urgentes. Eles estão diante de nós como que nos convidando a solucionar nossos antigos males, assim como a esfinge no passado, encarando e dizendo: “Decifra-me ou te devoro¹”.

Dos aspectos positivos explicitados pela pandemia, o recolhimento em casa parece ter feito as pessoas se voltarem mais para dentro de si mesmas, atitude não muito comum, pois, com os afazeres cotidianos e a vida moderna, vive-se como zumbis, deixando-se levar pela corrente, sem buscar se conhecer, vive-se para o exterior. O objetivo é ocupar as mentes todo o tempo para que se não tenha de pensar e encarar os sentimentos. Não se ensina a se conhecer, saber suas tendências, o que está por trás de sensações e de emoções. Algumas pessoas se incomodam quando precisam ficar sozinhas, consigo mesmas. Quase entram em pânico porque têm medo do que encontrarão. Mas o autodescobrimento é um caminho para a paz interna e externa. Muitos, porém, se sentiram em pânico com essa possibilidade, apesar de serem obrigados, pelo isolamento social. Assim, em casa, as pessoas tiveram a chance de reflexão e reavaliação dos valores e de fazer coisas que, em outras circunstâncias, não teriam a oportunidade. Alguns leram livros que estavam guardados há muito tempo, assistiram a filmes novos e antigos que gostariam de rever, outros meditaram, começaram a fazer arte, artesanato. Outros ainda, em quem a responsabilidade do coletivo é muito ululante, empenharam-se em suprir as necessidades básicas de alimentação e higiene das pessoas em situações precárias. Enfim, cada um buscou fazer coisas novas que pudessem preencher a alma: arte, literatura, religião, solidariedade e fraternidade.

Por outro lado, a nova situação evidenciou a grande desigualdade que ainda há no país. Em certas regiões do Brasil, grande parte da população não possui sistema de esgoto. Até mesmo em São Paulo, que se

orgulha em ser a “locomotiva” do Brasil, grande parte da população não possui o serviço. Além disso, uma reportagem² apresentou famílias, da periferia, que vivem em extrema pobreza, em containers onde não há água! E estamos falando do país que até bem poucos anos chegou a ser a sexta economia do mundo, ao superar a Inglaterra. São situações que não podem mais ser aceitas com naturalidade, em pleno século XXI. A grande desigualdade econômica e social reverbera e influencia o cotidiano das pessoas comuns e, especialmente, a educação.

Com os estudantes em isolamento social, recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e seguido pela maioria dos países membros, considerou-se a possibilidade de aulas remotas. Usar a internet como ferramenta para a aprendizagem parecia ser a melhor alternativa. Entretanto, os próprios governos estaduais e profissionais da educação foram surpreendidos com a constatação da precariedade em que vivem as famílias, sem recursos tecnológicos em casa, assim como moradias diminutas onde vivem muitas pessoas e que impossibilitam um ambiente propício ao estudo; além do fato de que o estudo remoto requer um acompanhamento dos filhos pelos pais e nem sempre, por diversas razões, eles têm condições para isso.

Além das condições físicas difíceis em que os estudantes se encontram, há ainda a baixa qualidade do ensino tanto na rede pública quanto na particular, que pode afetar a aprendizagem. Ademais, a capacidade de leitura e interpretação de texto foi um dificultador na implementação do ensino remoto, visto que dificultava a compreensão das orientações tanto pelos pais, quanto pelos estudantes.

Os problemas apresentados não são novos, no entanto, ficavam negligenciados pelas instituições responsáveis, pelas políticas educacionais que se mantinham alheias a esse panorama julgando que a natureza desses dificultadores deveria ser econômica e, como tal, deveria ser solucionada nessa esfera. Pela nossa estrutura fragmentada, em todos os aspectos, somos incapazes de enxergar o todo. Assim, problemas históricos permanecem, pois cada esfera do poder público julga que a solução deva ser responsabilidade de outra. Não há um grupo com representantes das diversas esferas que possa buscar soluções em conjunto para problemas históricos. Isto se dá por diversos razões que não nos cabe, aqui, discutir, pois desviaria do objetivo deste artigo.

Por outro lado, o ensino remoto, forçado pela pandemia, apresentou pontos positivos que parece relevante destacar. Primeiramente, apesar de o Plano de Estudos Tutorado (PET)³ mostrar problemas como, erros de ortografia, formatação, links que não levam aos conteúdos, falta de organização dos conteúdos; o ensino apresentou-se mais atrativo, visto que usa mais a

interação com a tecnologia e usa mais dos recursos de pesquisas, dando mais autonomia aos alunos, além de incentivar o aprendizado de recursos, como programa de textos e planilhas. A tecnologia na educação é um caminho sem volta. É preciso trabalhar para que esse caminho traga benefícios ao processo educacional; para que ela seja uma ferramenta adicional nas atividades de aprendizagem, mas que não se torne seu objetivo principal, pois a interação social é também um recurso importante de aprendizado.

Apesar de o desenvolvimento tecnológico promover o acesso democrático a informações, é primordial considerar a dificuldade de interpretação textual em relação às notícias falsas. Aqui, serão abordadas somente as notícias falsas cuja repercussão tem relação direta com a pandemia. Portanto, apesar de o assunto ter ampla abrangência, será apresentada, a título de exemplo, somente uma que tem relação com o assunto.

Hodiernamente, os conteúdos e informações estão disponíveis na internet, a maioria das pessoas tem acesso a eles, entretanto, podemos notar que nem todos têm a capacidade de filtrar essas informações e analisar sua veracidade e fundamento. Rubiales (2018), pesquisador em Neurodidática, expôs em uma conferência no Museu Histórico Nacional⁴ que o desafio e a meta da educação, no futuro, poderão ser propiciar às gerações futuras a capacidade de análise e julgamento, já que o acesso ao conteúdo é democrático e será cada vez mais facilitado. Ele entende que o objetivo da educação deve futuramente mudar de foco, de metodologias e de estratégias, pois haverá a necessidade de adaptar-se aos novos tempos nos quais as informações serão democraticamente acessíveis e haverá a necessidade de se ter bases para sua análise e seleção. O foco será muito mais na formação do educando do que no conteúdo.

Percebe-se que a sua, não é uma voz uníssonas, pois outros profissionais no campo da educação mencionaram essa mesma preocupação. Esse fato guarda ligação com os problemas citados anteriormente. Após um tempo da pandemia, quando as vítimas começaram a aumentar assustadoramente, circulou na internet a notícia de que as autoridades estavam liberando para o sepultamento os caixões, com pedras dentro e sem vítimas. As notícias insinuavam que os hospitais e autoridades médicas estavam enganando as pessoas para que elas pensassem que as vítimas eram em número maior do que a realidade. Algumas famílias, mesmo diante do perigo que o ato representava, forçaram a abertura do caixão dos familiares com o objetivo de se certificarem de que a pessoa doente havia mesmo morrido e estava ali. Esse caso foi citado como exemplo dos prejuízos que uma notícia falsa pode causar à população. É comovente e ao mesmo tempo revoltante essa situação.

Poderíamos analisar a questão pela falta de leitura do mundo exaustivamente defendida por Freire (2005). E ele tem razão. Olhamos o mundo e não o enxergamos. A educação que tem a missão de preparar a geração nova para a vida, na maioria das vezes, não a prepara para pensar sobre o ser humano e sobre a vida. A Filosofia foi negligenciada na urgência e superficialidade em que se vive. Entre a escola e o mundo há um abismo que poucos conseguem atravessar. A falta do conhecimento integral do mundo nos deixa inseguros, pois desconhecemos a nós mesmos. A educação ávida por encontrar a Ciência esqueceu-se de sua essência humana. Conhecer-se, assim como ao mundo, implica uma visão crítica da realidade. Freire (2005, p. 11) apontou que “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. Algo semelhante ao texto acontece no mundo atual em relação às informações. Não se pode compreender inteiramente uma informação sem conhecer seu contexto e, eventualmente, sua intertextualidade. O conhecimento da relação daquela informação com quem a produziu, seus objetivos e a relação com outras notícias podem ajudar em sua análise e compreensão.

Assim como não se pode compreender inteiramente um texto sem conhecer o seu contexto, não se podem julgar todas as nuances de uma notícia sem se inteirar dos sujeitos, do ambiente e dos objetivos para os quais ela foi criada, bem como da relação entre eles. Como bem ponderou Freire (2005), deve-se ter um conhecimento *a priori* do mundo para depois interpretar qualquer leitura, ou seja, antes de poder interpretar uma notícia, deve-se conhecer quem a produziu, em qual ambiente foi produzida e com que intenção. Segundo o autor, na compreensão do ato de ler:

Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mesmo através da leitura que dele fazemos (FREIRE, 2005, p. 20).

Como conseguir o conhecimento do mundo? A resposta pode estar na mudança de foco da educação que deve se deslocar do conteúdo para a formação. Tanto educadores quanto educandos têm a necessidade de ter uma bagagem teórica, mas, principalmente, uma formação crítica. Não se deve viver alheio ao mundo, à comunidade onde se vive, e aos seus aspectos econômicos, sociais e culturais. É preciso envolver-se com a realidade da qual se faz parte. Conhecer-se a si mesmo e reconhecer-se como membro de um coletivo já é um significativo passo. Ter consciência de que se é parte de um todo e que

seus atos afetam o todo, assim como as atitudes da comunidade afetam o particular, é importante para o amadurecimento da ideia. Conhecer a realidade é um primeiro passo para reconhecer-se pertencente a ela. E que todos os seus problemas e dificuldades são também de cada pessoa que dela faça parte.

Criar um ambiente escolar onde se possa discutir, debater problemas e inquietações dos estudantes é um caminho para a formação crítica. Ensinar a pensar antes de ensinar os conteúdos. Sobre o ato de ensinar, Paulo Freire (2005) diz:

O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção da linguagem escrita e na leitura desta linguagem (FREIRE, 2005, p.19).

A mesma ideia pode-se aplicar para a construção do conhecimento. É preciso ensinar a pensar, a discutir, a analisar para que se possa contribuir na construção de conhecimentos e a aprendizagem seja um processo de compartilhamento, no qual todos contribuem e recebem ao mesmo tempo.

Buscar desenvolver a capacidade de análise, utilizando a razão, mas também as experiências de vida e o seu conhecimento de mundo, é trabalhar para a formação integral do educando. Para Freire (2005), tanto educador quanto educandos precisam unir a prática à teoria para basear o conhecimento. Não podemos viver como sonâmbulos, sem ter muita consciência do mundo, do momento e do espaço onde vivemos, bem como de nós mesmos. Uma educação voltada para esse objetivo traria uma formação para a autonomia, com discernimento para fazer uma leitura de mundo, com seus problemas e propor soluções e, principalmente, com a consciência crítica, podendo analisar as informações e selecioná-las de acordo com aquilo que lhe convém ou não.

A autonomia, portanto, é um aspecto importante na formação do futuro. O mundo das informações e das tecnologias, inevitável, felizmente ou infelizmente, exige seres capacitados e autônomos para que não sejam manipulados e sejam vistos apenas como consumidores que uma boa propaganda incentiva a consumir e estejam satisfeitos em viverem assim, sem envolvimento com a perspectiva de uma sociedade melhor, com respeito às potencialidades e realizações do ser humano, respeito ao meio ambiente e aos animais. A autonomia e o pensamento crítico permitem o saber lidar com as notícias de diversas singularidades, analisando e selecionando para que não sejam manipulados, nesse momento em que estamos, especificamente, por divulgadores de notícias falsas.

Kant e o senso do dever na formação moral

O episódio das notícias falsas assim como o descumprimento das orientações médicas e sanitárias sobre a pandemia nos remete, ainda, a outra reflexão. O que faz uma pessoa espalhar uma notícia falsa que poderia prejudicar seriamente uma infinidade de pessoas? Diante dessa situação, onde está nossa responsabilidade com o outro, com o coletivo? Perdemos a noção de coletivo, de comum(unidade)? Ou nunca o adquirimos realmente? A nova situação mostrou outras anomalias no comportamento humano tais como a incapacidade de lidar com a frustração. Apesar de inúmeras informações, podemos perceber isso nas pessoas que não conseguem cumprir as recomendações de isolamento social e também o uso de máscaras, procedimentos básicos no combate à proliferação do vírus. E por que isso? Mesmo sabendo que sua atitude poderá afetar sua vida e a dos seus semelhantes, até mesmo correndo risco de vida?

Kant (1999), em *Sobre a Pedagogia*⁵, apresenta suas ideias sobre a educação e em certo momento faz relação entre a formação educacional e a diminuição da maldade humana:

Vivemos em uma época de disciplina, de cultura e de civilização, mas ela ainda não é a da verdadeira moralidade. Nas condições atuais pode dizer-se que a felicidade dos Estados cresce na mesma medida que a infelicidade dos homens. E não se trata ainda de saber se seríamos mais felizes no estado de barbárie no qual não existiria toda essa nossa cultura, do que no atual estado. De fato, como poderíamos tornar os homens felizes, se não os tomarmos morais e sábios? Desse modo, a maldade não será diminuída (KANT, 1999, p. 28).

Para ele, a educação também é responsável pela formação ético-moral. E sábio é aquele que se comporta de acordo com os princípios morais que levam ao bem, escolhendo esse caminho simplesmente pelo dever que a sua consciência lhe confere. Em sua obra *Fundamentos da Metafísica dos costumes*, edição de 2007, ponderou sobre a moral e suas leis. Para ele, assim como os fenômenos da natureza são regidos por leis naturais, tais como a lei da gravidade, por exemplo, as ações humanas também são regidas por leis morais, as quais não se tratam de leis oriundas de convencionalismo de povos ou grupos humanos, mas leis intrínsecas, da consciência do dever. As leis do comportamento atuam na parte em que as leis da Ciência não se aplicam. Assim, de certa forma, ele parte do cotidiano para verificar que o homem não está apenas sujeito às leis físicas, do mundo sensível, pois há outras leis que nos regem. Entretanto, essas leis não têm a rigidez das leis que regem os fenômenos, são como diretrizes, mandamentos e se encontram na consciência de cada ser. Devemos

seguir-las não para sermos felizes, para obter prazer ou satisfazer um desejo, mas porque é necessário.

O filósofo afirma que o método socrático é um importante instrumento para o cultivo da razão. Segundo Kant (1999, p.70), o grego, que se nomeava parteiro dos conhecimentos dos seus ouvintes, nos seus diálogos, que Platão de algum modo nos conservou, mostra-nos como se pode levar as pessoas a buscar muitos esclarecimentos, através da razão. No entanto, afirma que as crianças não “necessitam conhecer os fundamentos de tudo que pode aperfeiçoá-las; mas, quando se trata do dever, é necessário fazê-las conhecer os princípios” (KANT, 1999, p.71). E o princípio que rege o dever de agir no bem se associa à dignidade da pessoa humana e ele o denominou *imperativo categórico*. Os imperativos se dividem em *hipotéticos* e *categóricos*.

No primeiro caso, a ação seria impulsiva, viria da necessidade urgente de satisfazer um desejo, um instinto. Fazemos coisas para obter uma satisfação imediata. Assim como os animais, procuramos satisfazer as necessidades ou desejos com o objetivo de obter prazer, satisfação. Se a finalidade da existência do homem fosse a alegria e satisfação das suas necessidades físicas somente, para isto, bastaria o instinto. No entanto, o homem desenvolveu a inteligência para algo além do instinto. Com a inteligência ele pode ter a autonomia e escolher. Porém, no entender de Kant (2007), as ações que visam a um fim, mesmo que seja a felicidade, estariam no âmbito do imperativo hipotético.

Já os imperativos categóricos são aqueles que não visam a um fim, ou seja, as ações acontecem devido a um mandado do dever, do senso do dever e não para obter algum prazer ou satisfação física.

Ora, todos os imperativos ordenam ou *hipotética* ou *categoricamente*. Os hipotéticos representam a necessidade prática de uma acção possível como meio de alcançar qualquer outra coisa que se quer (ou que é possível que se queira). O imperativo categórico seria aquele que nos representasse uma acção como objectivamente necessária por si mesma, sem relação com qualquer finalidade (KANT, 2007, p. 50).

Um ser humano que sabe agir de acordo com os imperativos categóricos é aquele que alcançou a percepção de agir com os valores que se impõem pela dignidade e pelo bem. Ele regeria a si mesmo, teria autonomia da vontade, teria a chave para a liberdade humana, pois não seria regido pelos próprios instintos e desejos. Os imperativos categóricos estão acima da razão pura e das formas do conhecimento. Agem como determinação da natureza espiritual, fora do tempo e espaço como os compreendemos. Mas como o homem pode encontrar a forma de agir de acordo com esses imperativos? Kant (2007) forneceu uma chave, ao apresentar os três princípios do comportamento humano:

- a. age sempre de forma que a sua ação possa se tornar uma norma universal;
- b. age considerando a humanidade, em si mesmo e nos outros, como um fim e não um meio;
- c. age com livre-arbítrio considerando o ser humano racional que é parte autônoma de um todo, norma de si mesmo.

A autonomia do ser, que pode escolher agir no bem, de acordo com o senso do dever, revela ao mesmo tempo a responsabilidade e dignidade do homem. Ele deverá pensar: isto que estou fazendo poderia ser feito por qualquer pessoa? Como eu julgaria alguém que agisse dessa maneira? Essa ação poderia se tornar uma lei universal? A razão que nos levou ao conhecimento e que, por sua vez, possibilitou benefícios e conforto para todos, enfim, uma vida extraordinária do ponto de vista tecnológico e científico, poderia também nos levar para o conhecimento moral, a origem metafísica e transcendente das leis que regem o comportamento humano, o qual nos traria paz interior e exterior. Uma nova civilização, onde imperaria a “Paz Perpétua”.

Mas qual seria a relação desses conhecimentos com a educação e, mais especificamente, com a educação no atual contexto? As notícias falsas, assim como a incapacidade de interpretação e de lidar com frustrações, obedecendo às orientações da Organização Mundial de Saúde e autoridades médicas, podem se relacionar com a proposta de Kant (1999) sobre o reconhecimento das leis morais, pois essas leis, segundo o autor, implicaria um conhecimento voltado para dentro de si mesmo, de raciocínio e de análise e da autonomia na escolha do melhor agir em favor do bem, principalmente o bem que favoreça a todos. Muitas vezes, espera-se que o educando aja corretamente seguindo sua aptidão. Kant (1999) avalia que isso seria bom, mas que, em muitas circunstâncias, deve-se ensinar a agir pelo dever e não por sua inclinação, pois isso lhe será útil em sua vida social “já que, no pagamento de impostos, no exercício da profissão e em muitos outros casos, só nos pode guiar o dever, não a inclinação” (KANT, 1999, p.78). Ou seja, em determinadas situações o melhor para a pessoa é agir para o bem geral, o certo eticamente, e não seguir seus desejos imediatos, pois podem não ser o melhor em uma visão ampliada do mundo.

O processo educacional, hoje, muito voltado para os conteúdos, deveria ter como foco a formação integral. Além do conhecimento do mundo, seu contexto e a suas relações, o conhecimento de si mesmo. A dialética tem seu fundamento também no autodescobrimento, assim como no conhecimento do mundo.

A formação integral e humana implica desenvolvimento do pensamento crítico e capacidade de relacionar o conhecimento com a realidade na qual se insere,

analisando a sua aplicação e implicação nesse contexto. Para Kant (1999, p. 69-70), no entendimento figuram “a faculdade de julgar e a razão”. A primeira, “mostra o uso que se deve fazer do entendimento”. É imprescindível para que se aprofunde o conhecer e, dessa forma, não se fale daquilo que não se compreendeu suficientemente. A segunda, “faz conhecer os princípios”. Mas devemos entender que não se trata de uma “razão especulativa”, antes, de uma razão prática, de uma reflexão sobre o tema “segundo as suas causas e seus efeitos”. Essa formação permite ao sujeito não só adquirir habilidades para o saber analisar e julgar a realidade, o que o capacitará melhor para lidar com as notícias falsas ou a interpretação do mundo, por exemplo; mas também o capacitará a se conhecer melhor e agir de acordo com os princípios éticos que devem sobressair em uma sociedade construída com bases fraternas e solidárias.

As pessoas que produziram e divulgaram as notícias falsas, mesmo sabendo que suas ações prejudicariam inúmeras outras, assim como as pessoas que acreditaram nessas notícias e as que descumprem as recomendações médicas e sanitárias a respeito da Covid-19 cujos efeitos poderão trazer prejuízos inestimáveis, inclusive causar a morte de semelhantes, não utilizaram do princípio de lei universal que Kant (1999) estabeleceu como princípio da lei de moralidade. Deixam-se levar por suas inclinações, ou seja, suas paixões e desejos mais imediatos. São governados pelos seus instintos e necessidades mais imediatas. Não agem no senso do dever como um ser humano que pertença a um grupo, onde suas ações possam ter repercussões. Como seres imaturos psicologicamente falando, deixam-se governar pelas paixões e como sonâmbulos obedecem a um “mestre”: suas inclinações.

Hodiernamente, as políticas educacionais dão ênfase no ensino técnico, na formação profissional cujos conhecimentos trazem sucesso profissional, empregos com salários altos. No entanto, a formação humana, aquela que poderia proporcionar o autoconhecimento e a formação crítica, fica, muitas vezes, negligenciada. A proposta de educação atual não busca proporcionar ao ser a formação necessária para o “bem viver” tanto em relação a si mesmo, quanto em relação à sociedade, da qual faz parte. A abordagem materialista atual não deu conta da educação. É preciso promover o pensamento de que somos parte de um todo. As ações de alguém, como ser que é parte de uma sociedade, podem afetar a todos e as consequências dessas ações poderão, inclusive, afetar a sua própria vida.

Quando tivermos a capacidade de agir de acordo com os princípios apresentados por Kant (1999), ou seja, fazer aquilo que se outros fizessem não me prejudicaria, tornando-a possível a todos, sem prejuízos de

ninguém, haverá maior harmonia. Para isso é importante que a formação integral seja a meta do processo de ensino. Por meio de metodologias diversas, buscar dar aos envolvidos no processo capacidade de desenvolver suas habilidades de compreensão profunda do ser humano em todas as suas dimensões.

A aplicação das ideias de Kant (1999), bem como as de Freire (2005), podem parecer utópicas, mas não parecerão, se pensarmos nos resultados da mudança de paradigma em um longo período. Kant (1999, p. 17) assevera: “O projeto de uma teoria da educação é um ideal muito nobre e não faz mal que não possamos realizá-lo. Não podemos considerar uma ideia como quimérica e como um belo sonho só porque se interpõem obstáculos à sua realização”. É necessário um novo paradigma para a educação no qual todas as dimensões do conhecimento sejam consideradas; em que o ser humano seja considerado em todas as suas manifestações: físicas, psicológicas e espirituais. É preciso coragem e a mudança ocorrerá paulatinamente, mas, no futuro, colheremos os frutos de uma geração com uma nova perspectiva de visão de mundo. Atualmente, a abordagem dos conteúdos nas escolas apresenta-se distante de sua realidade e, ao mesmo tempo, os educandos têm de lidar no cotidiano com situações para as quais não estão preparados. A mudança trará resultados nas vidas desses educandos.

Um primeiro passo seria ensinar a pensar. A formação do pensamento crítico vai incentivá-los a buscar novos conhecimentos e, inclusive, o conhecimento de si mesmos. Ademais, a percepção e conhecimento do mundo ensinarão que o homem afeta e é afetado no mundo em que vive por suas ações e pelas ações de seus semelhantes. Além disso, poderá se perceber que somos um todo no qual está o ser humano, a natureza e os animais e que todos merecem respeito igualmente. É preciso expandir a consciência. O compromisso social e coletivo deve ser ensinado e aprendido nas escolas desde cedo. A formação crítica deve se basear no diálogo e liberdade de pensamento. Por que não ensinar a fazer a pergunta que Kant (2007) apresentou: o que eu faço pode se transformar em uma lei para todos? O conhecimento proporciona a liberdade da escolha e o conhecimento de si proporciona a escolha baseada no senso de responsabilidade e dever para consigo e para com o coletivo.

Considerações finais

Como o já exposto, a pandemia revelou a necessidade de se adotar novos comportamentos e costumes o que forçou a mudança de hábitos. Um, dentre eles foi o uso da tecnologia no ensino a distância, o que juntamente com a disseminação e acatamento de notícias

falsas evidenciaram a deficiência na formação dos discentes em termos de análise crítica e moral.

Como solução para a dificuldade, a formação integral deve ser discutida, pois tem como princípio propiciar o desenvolvimento do ser humano em todas as suas dimensões.

Dessa forma, as ideias de Kant (2007), especialmente o conceito de imperativo categórico em sua teoria ético-moral, e o conceito de leitura de mundo de Freire (2005) podem nos ajudar a pensar um novo paradigma para a educação no qual a meta não seja simplesmente a transmissão de conhecimentos, mas a formação integral; e no qual a meta não seja somente a formação técnica, que é louvável quando não visa somente a realização financeira, mas também a formação integral na qual o conhecimento humano seja valorizado, assim como o pensamento crítico e o ético-moral.

Freire (2003) exaustivamente combateu esse tipo de educação bancária (termo usado por ele) em que o aluno é apenas o receptor de conhecimento formal, em que não se leva em conta seus conhecimentos prévios e em que o pensamento crítico não é incentivado. Como solução, ele apresenta a perspectiva de uma educação em que a autonomia por meio da formação integral é valorizada. Agentes da educação e educandos conscientes de sua realidade e confiantes em suas capacidades de mudança.

Kant (1999, 2007), um filósofo do século XVIII, que apresentou uma nova maneira de ver o conhecimento e nossos limites para buscá-lo, foi um marco na Filosofia Moderna. Deu um passo importante ao apresentar que o conhecimento da moral possuía uma natureza diversa do conhecimento científico e, como tal, deveria ser tratado e compreendido não pelos métodos conhecidos, mas por uma forma peculiar de apreensão: o senso do dever, aspecto importante da teoria moral, o qual nos parece atual e necessário.

Dessa pandemia sairemos afetados física e psicologicamente, no entanto, sentiremos vontade de

buscar novas formas de ver o mundo, assim como novos paradigmas de educação. O momento de pausa pode proporcionar momentos de reflexão necessária e urgente. Assim, poder-se-á ter mais clareza dos valores e das metas para a educação, e da melhor forma de implementá-los. Alguns pontos foram apresentados aqui: de que se pode ser melhor quando se tem a consciência de que todos formamos um todo, por isso é relevante aprender a “ler” o mundo; as ações de todos, quando não se age de acordo com o senso do dever, podem ter consequências nefastas na vida de todos, por isso é urgente aprender a se conhecer. Tudo isso só pode ser possível na mudança de paradigma na educação, tendo como meta a formação integral do ser, em todos os seus aspectos: físico, psicológico e espiritual.

O momento é de reflexão, discussão e cautela, mas também de esperança em novas formas de ver a educação. As perspectivas para o ensino em futuro recente são ainda obscuras, no entanto, podem-se citar alguns pontos em que as mudanças se mostram urgentes e salientadas nesses tempos.

Primeiramente, o processo de ensino precisa ser re-discutido frente às novas perspectivas da vida no planeta. E que essas discussões não terminem no campo teórico, mas que se traduzam em ações eficientes; em segundo lugar, a maior evidência constatada é que o uso da tecnologia na educação será maior de agora em diante, e torna-se necessário que estudos e pesquisas sejam feitos para que seu uso seja benéfico; Por fim, diante da deficiência na formação dos estudantes, é preciso que se pense na possibilidade da formação integral como forma de melhorar a qualidade do ensino e propiciar ao educando o desenvolvimento pleno de suas potencialidades.

Portanto, pode-se ter nesse momento a oportunidade de se tomar um novo rumo em relação à educação. A pandemia tornou urgente a reflexão e, mais do isso, tornou urgente a tomada de ações práticas que amenizem os problemas evidenciados. ■

Notas

¹ O desafio da Esfinge de Tebas (antiga cidade-estado grega) se apresentava na seguinte proposição: “Decifra-me ou te devoro”. Desafiava os viajantes com seus enigmas e quem não conseguisse decifrá-los, era devorado por ela.

² Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/28/coronavirus-e-desafios-a-prevencao-brasil-tem-313-milhoes-sem-a-gua-encanada-e-116-milhoes-em-casas-superlotadas.ghtm>. Acesso em: 7 jul. 2020.

³ Plano de Estudos Tutorado (PET) é uma apostila elaborada pela Secretaria de Educação de Minas Gerais para ser utilizada no estudo remoto.

⁴ Conferência “Desafios e Novas Perspectivas para o campo da Educação Museal”, proferida em 2018, por ocasião do Seminário Internacional Museu e Educação, 60 anos da Declaração do Rio de Janeiro.

⁵ O texto foi publicado a primeira vez por Theodor Rink, discípulo de Kant. Refere-se a preleções que o mestre fez no Curso de Pedagogia da Universidade de Königsberg.

Referências

- ALMEIDA, Guido Antônio de. Sobre as “fórmulas” do imperativo categórico. *In*: DOMINGUES, Ivan; PINTO, Roberto Paulo M; DUARTE, Rodrigo. **Ética, política e Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- AZEVEDO, Fernando. **O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**, 1932.
- FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**: tese de concurso para a Cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas-Artes de Pernambuco. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 36. ed. Rio de Janeiro: Edições Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 46. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- GADOTTI, Moacir. **Educação Integral no Brasil**: inovações em processo. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.
- KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Trad.: Francisco Cock Fontanella. 2. ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.
- KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Lisboa: Edições 70, 2007.
- PIRES, J. Herculano. **Os filósofos**. São Paulo: Paideia, 2005.
- RUBIALES, Ricardo. **Conferência Desafios e Novas Perspectivas para o campo da Educação Museal**, proferida em 2018, por ocasião do Seminário Internacional Museu e Educação, 60 anos da Declaração do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.